



## **Paulo Freire e a alfabetização de adultos no contexto do golpe civil-militar**

**Gabriel Ribeiro Silva**

Pedagogo, Especializando em Educação Profissional Integrada à Educação  
Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA),  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP),  
Câmpus São Paulo, SP, Brasil

**Orientadora**

**Profa. Dra. Ana Paula de Oliveira Corti**

Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia  
de São Paulo (IFSP), Câmpus São Paulo, SP, Brasil

**Resumo:** O presente artigo tem o objetivo de compreender os impactos e reverberações da obra de Paulo Freire, que culminaram em sua perseguição na ditadura civil-militar de 1964. Este artigo também pretende analisar possíveis imbricações a partir dos processos educacionais e histórico-sociais que antecederam o golpe civil-militar. A justificativa que os militares utilizaram foi a suposta revolução comunista, pois havia muitas tensões políticas na época por causa da Guerra Fria e da Revolução Cubana. O educador pernambucano foi tachado de comunista e foi preso pelo ato de ensinar adulto a ler e a escrever. Do ponto de vista dos militares, a teoria de Freire é vista como marxista por conta da intenção de fazer os adultos questionarem a vida e o mundo, ou seja, uma educação emancipatória, porém a emancipação só pode ser alcançada em uma sociedade democrática e não em uma sociedade autoritária com governo militar. O debate sobre o método do educador servia como pano de fundo sobre o problema educacional e social do analfabetismo e sobre a questão do direito ao voto aos analfabetos.

**Palavras-chave:** Paulo Freire. EJA. Ditadura. Democracia.

**Abstract:** This article has the goal to understand the impacts and reverberations of Paulo Freire's practices that culminated in his persecution during the civil-military dictatorship of 1964. This article also intends to analyze possible imbrications from the educational and historical-social processes that preceded the civil-military coup. The justification used by the military was the supposed communist revolution, for there were many political tensions at the time for that of the Cold War and the Cuban Revolution. The Pernambucan educator was branded a communist and was arrested for the act of teaching adults to read and write. From the point of view of the military, Freire's theory is seen as Marxist because of his intention to make adults question life and the world, that is, an emancipatory education, but emancipation can only be achieved in a democratic society and not in an authoritarian society like the military government. The debate on the educator's method was serving as a backdrop to the educational and social problem of illiteracy and the question of the right to vote for illiterates.

**Keywords:** Paulo Freire. YAE. Dictatorship. Democracy.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende compreender os impactos e reverberações da obra de Paulo Freire, que culminaram em sua perseguição por parte do movimento antidemocrático no início do golpe civil-militar de 1964, de modo a tentar apreender o conservadorismo na história da educação brasileira, sobretudo na alfabetização de adultos.

Este artigo também pretende analisar possíveis imbricações a partir dos processos educacionais e histórico-sociais que antecederam o golpe civil-militar, em 1964. Houve dois fatores importantes para a justificativa do avanço do comunismo no período pré-golpe, a Guerra Fria (1947-1991) e a Revolução Cubana (1953-1959).

Realizou-se a mobilização para combater o comunismo, como aponta Fausto (2019, p. 138) “[...] os princípios mais importantes para a instituição militar: manutenção da ordem social, o respeito à hierarquia e o combate ao comunismo”. A teoria crítica do educador não agradou o movimento antidemocrático de 1964. Dessa forma, o problema central da pesquisa pode ser expresso na seguinte questão: por que Paulo Freire foi perseguido pelos protagonistas do golpe civil-militar de 64?

De acordo com Haddad (2019a), Freire foi preso por mais de 70 dias, com a justificativa de ser doutrinador marxista. O educador foi preso, do ponto de vista dos militares, pelo único crime de ensinar os adultos a ler e a escrever. Pode-se perceber que houve rejeição à teoria crítica de Freire por parte da classe política do poder Legislativo, em abril de 1964, quando o deputado Emival Caiado, de acordo com Haddad (2019a), disse que o método de Freire teve uma recepção positiva em Goiás, afirmando que o estado adentrou-se no comunismo.

Esta pesquisa é de natureza qualitativa e, para atingir o objetivo proposto, foi empreendida uma pesquisa bibliográfica, a qual foi realizada a partir de livros e artigos acadêmicos. Gil (2008) afirma que a pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador uma gama de fenômenos mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. “[...] A pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”. (GIL, 2008, p. 51). Também recorreremos aos dados quantitativos em relação ao analfabetismo no Brasil.

Conforme Tesh (1990 apud GIL, 2008, p.176), a pesquisa qualitativa proporciona uma atividade reflexiva, buscando a explicação de forma sistemática, isto é, na pesquisa qualitativa, é importante a interpretação dos dados de modo coeso. Os textos dos principais autores que fizeram parte desta pesquisa foram de Paulo Freire (2019; 2020), Eric Hobsbawm (1995), Boris Fausto (2019), Lilia Schwarcz (2019), Jessé Souza (2019), Maria Clara Di Pierro (2000), Sérgio Haddad (2000; 2019a; 2019b), Mário Sérgio Cortella (2011), Italo Calvino (1991) e Theodor W. Adorno (2020).

Os artigos foram pesquisados no site *Scielo* e pesquisa na internet por meio do Google, através de site ou revistas acadêmicas. Grande parte dos

livros são físicos, havendo alguns no formato digital ou *kindle* (Amazon). A produção acadêmica desses intelectuais foi essencial para compreender a rejeição e a perseguição ao educador em 1964, dando esclarecimento sobre o autoritarismo e o anticomunismo no processo histórico-social brasileiro.

A importância de Freire para a educação brasileira vai além da metodologia para alfabetização de adultos e jovens. Paulo Freire, no nosso modo de entender, inaugura a teoria crítica na educação do país. Não se trata apenas de uma nova metodologia, mas de uma concepção crítica de educação, ensejando as práticas e a teoria de Freire a detratores. É diante desse contexto que proponho refletir e compreender tais processos de rejeição e perseguição ao educador durante o início da ditadura civil-militar.

### **Cuidado: o perigo comunista!**

Com o término da Segunda Guerra (1939-1945), o mundo assistiu à ascensão de duas grandes potências antagônicas: de um lado os Estados Unidos (EUA), representando a democracia liberal, e, do outro lado, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), simbolizando o comunismo. Para dissertar sobre as confrontações, com o problema do comunismo, é preciso discorrer sobre a Guerra Fria e, posteriormente, de forma sucinta, sobre a Revolução Cubana.

O mundo havia acabado de sair de uma longa guerra, as nações ainda estavam se recuperando dos desastres, os sobreviventes lamentando a morte de seus estimados familiares, e duas grandes nações viveram em atrito, causando uma desarmonia global com ameaças de explosivos nucleares. Conforme Hobsbawm (1995, p. 224), “[...] gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento e devastar a humanidade”. A confrontação foi por meio do medo da destruição mundial.

Por conta das duas potências, o mundo dividiu-se em dois, havendo uma disputa pelo território global. Hobsbawm (1995) afirma que a URSS tinha parte do globo, ou exercia influência sobre ela. Os EUA tiveram receio da expansão do comunismo, pois temiam perder sua influência e poder nas partes ocidentais e orientais do mundo, ou seja, a preocupação dos EUA era a

permanência do capitalismo como o principal sistema que ditaria os rumos econômicos.

[...] A Guerra Fria baseava-se numa crença ocidental, retrospectivamente absurda, mas bastante natural após a Segunda Guerra Mundial, de que o futuro do capitalismo mundial e da sociedade liberal não estava de modo algum assegurado. (HOBSBAWM, 1995, p. 228).

A URSS não apresentava perigo imediato, porque saiu da guerra em ruínas e com a economia muito prejudicada. O Exército Vermelho não tinha condição de assegurar sua soberania, por outro lado, também temia o avanço do capitalismo e não poderia deixar seu rival expandir sobre o território comunista. A maioria dos americanos acreditava que o capitalismo deveria ser o modelo para o mundo do pós-guerra.

Em suma, enquanto os EUA se preocupavam com o perigo de uma possível supremacia mundial soviética num dado momento futuro, Moscou se preocupava com a hegemonia de fato dos EUA, então exercida sobre todas as partes do mundo não ocupadas pelo Exército Vermelho. (HOBSBAWM, 1995, p. 231).

Durante a Guerra Fria e seus conflitos por busca de território, houve a Revolução Cubana, que foi um marco importante e, ao mesmo tempo, muito preocupante, pois indicava a ascensão do comunismo na América Latina. Cuba vivia sob o domínio americano, porém parte dos cubanos estavam insatisfeitos em razão da desigualdade social e, em contrapartida, empresários e banqueiros estavam enriquecendo.

Para a URSS, a localização geográfica de Cuba era fundamental para haver uma possibilidade de ataque aos EUA. O momento mais delicado entre o confronto bipolar foi a crise dos mísseis de 1962, em Cuba. Nesse momento, o mundo esteve muito próximo de mais uma guerra destrutiva: a nuclear.

A resolução da crise dos mísseis em novembro de 1962 viria amenizar a situação, ao deixar claro para os estrategistas americanos que os limites do conflito bipolar se aplicavam mesmo aos rebeldes cubanos. Mas no distante setembro de 1959, quando Fidel Castro fez sua segunda viagem aos EUA depois da derrubada de Batista, abriu-se uma ameaça cujo limite não estava claro. Naquela altura, ao falar ao plenário das Nações Unidas, em Nova Iorque, o líder cubano responsabilizou Washington pela pobreza de Cuba e pregou o neutralismo como alternativa para os países do Terceiro Mundo. (RABE, 1988, p. 123-126 apud MARTINS FILHO, 1999, p. 67-82).

A Revolução Cubana serviu como um alerta para a América do Sul, principalmente para o Brasil. Desse modo, o perigo comunista estava próximo

e, na conjuntura política brasileira do pré-golpe, houve muitas tensões por causa dessas circunstâncias históricas, que serão discutidas a seguir.

### **“É preciso combater o comunismo”: as tensões do pré-golpe de 1964**

Do ponto de vista dos militares, o Brasil corria um grande perigo, que era o comunismo, e, na visão das Forças Armadas, a ordem era combater o inimigo interno (FAUSTO, 2019). Nessa perspectiva, Schwarcz (2019) aponta que existia, no imaginário das Forças Armadas e por parte da população brasileira, a ideia de que os militares eram os salvadores da pátria, isto é, apenas os militares poderiam salvar o país do comunismo.

Com o aumento da aflição política, as Forças Armadas sofriam com uma divisão interna, por conseguinte, houve uma cisão dentro da instituição militar, os liberal-conservadores que defendiam uma aliança com os EUA e os nacionalistas que adotavam uma postura de neutralidade que, historicamente, a diplomacia brasileira adotou muitas vezes diante dos conflitos internacionais.

A divisão dentro das Forças Armadas foi ficando acirrada, com as disputas de qual linha ideológica deveria prevalecer. Os liberal-conservadores ganharam força, o grupo que adotava a relação com os EUA criou a Escola Superior de Guerra (ESG), que foi fundada em 1949, porém teve notoriedade no início dos anos 1960. Não eram apenas militares que frequentavam a escola, muitos civis também faziam os cursos, aqueles que tinham uma afinidade com a ideologia militar. O principal valor que a ESG defendia era a doutrina de segurança nacional.

O núcleo básico da doutrina de segurança nacional, no contexto da Guerra Fria, e, em especial, da vitória da Revolução Cubana, consistia numa visão global em que, paralelamente à divisão do mundo em dois campos irreduzíveis, estava em curso, nos então chamados países subdesenvolvidos, uma guerra revolucionária, cujo objetivo final seria a implantação do comunismo. A guerra revolucionária abrangia todos os níveis da sociedade e utilizava como instrumentos desde a doutrinação e a guerra psicológica até a luta armada. Por isso, era necessário opor a ela uma ação determinada e da mesma amplitude, em que as Forças Armadas deveriam ter um papel permanente, com o objetivo de derrotar o inimigo interno, apoiado externamente, e garantir a segurança e o desenvolvimento da nação. (FAUSTO, 2019, p. 130).

A atuação do governo João Goulart foi outra fonte de tensão, pois suas medidas não eram bem vistas por parte dos militares e de parte da sociedade

civil. Conforme Fausto (2019), Goulart assinou dois decretos polêmicos: o primeiro era em relação à desapropriação das refinarias de petróleo; o segundo era sobre a reforma agrária, pois havia a intenção de melhor promover a distribuição da terra.

Neste mesmo contexto, havia as ligas camponesas que eram preocupantes, visto que grupos ruralistas viam o movimento com muita preocupação, pois não era de interesse da elite ruralista uma reforma agrária que pudesse beneficiar os mais pobres, isto é, esse movimento também foi associado ao comunismo.

O presidente anunciou, também, estar em preparo a reforma urbana – um espantinho para a classe média proprietária, temerosa de perder seus imóveis para os inquilinos. Outras propostas a serem caminhadas ao Congresso previam mudanças na legislação tributária e a concessão de voto aos analfabetos e aos inferiores das Forças Armadas. (FAUSTO, 2019, p. 135).

Outro problema de fundo, como aponta Fausto (2019), é a barreira do analfabetismo que impedia o direito de votar. Para as forças conservadoras, o combate ao analfabetismo implicaria a expansão dos direitos políticos aos grupos mais empobrecidos do país, o que seria um risco.

### **Os rumos da EJA: do pré-golpe a 1964**

É importante salientar que, no período que corresponde ao pré-golpe, não havia a concepção de educação de jovens e adultos (EJA), a denominação era alfabetização de adultos. A EJA foi instituída como modalidade apenas a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), em 1996. Porém, as práticas de alfabetização de adultos foram o primórdio da trajetória da EJA.

No início da década de 1960, sucedeu a primeira LDB, em 1961. O documento promoveu a descentralização da educação pelo Estado, servindo para regularizar o sistema de ensino do país, trazendo a formação mínima exigida para lecionar.

Os desdobramentos em relação à educação para os adultos que iniciavam os seus estudos foram mínimos ou medidas insatisfatórias para o analfabetismo, como demonstra o documento oficial: “[...] O ensino primário é obrigatório a partir dos sete anos. Para os que o iniciarem depois dessa idade

poderão ser formadas classes especiais ou cursos supletivos correspondentes ao seu nível de desenvolvimento” (BRASIL, 1961).

Apesar de ter pouca presença do Estado para criar uma política pública de alfabetização, houve encontros de educadores para debater sobre a questão do analfabeto. A dificuldade era a prática, pois muitos professores aplicavam a escolarização do adulto como se fosse a educação primária. A criança e o adulto são sujeitos distintos, pois a criança está percebendo o mundo a sua volta por meio dos estímulos, enquanto o adulto já traz consigo uma experiência empírica vivenciada por meio da sua realidade.

[...] Quando da realização do II Congresso Nacional de Educação de Adultos no Rio de Janeiro, percebia-se uma grande preocupação dos educadores em redefinir as características específicas e um espaço próprio para essa modalidade de ensino. Reconhecia-se que a atuação dos educadores de adultos, apesar de organizada como subsistema próprio, reproduzia, de fato, as mesmas ações e características da educação infantil. Até então, o adulto não-escolarizado era percebido como um ser imaturo e ignorante, que deveria ser atualizado com os mesmos conteúdos formais da escola primária. (PAIVA, 1973, p. 209 apud HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 112).

O Brasil passava por transformações socioeconômicas, havendo um acréscimo no processo de urbanização, com o Estado buscando qualificar as pessoas para trabalharem nas grandes metrópoles. Porém, a maioria da população ainda vivia na zona rural das cidades (IBGE, 2010).

Conforme Haddad e Di Pierro (2000), diante das contradições econômicas de um programa desenvolvimentista acelerado, para que houvesse mais cidades urbanas e qualificação de mão de obra, a classe dominante não conseguiu controlar os aspectos econômicos, gerando mal-estar por parte da população. Assim, essas contradições serviram para mobilizar grupos em defesa da alfabetização de adultos e jovens, como o Partido Comunista, os movimentos de educadores, a participação popular, em suma, grupos democráticos em busca de um bem comum.

É dentro dessa perspectiva que devemos considerar os vários acontecimentos, campanhas e programas no campo da educação de adultos, no período que vai de 1959 até 1964. Foram eles, entre outros: o Movimento de Educação de Base, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, estabelecido em 1961, com o patrocínio do governo federal; o Movimento de Cultura Popular do Recife, a partir de 1961; os Centros Populares de Cultura, órgãos culturais da UNE; a Campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, da Secretaria Municipal de Educação de Natal; e, finalmente, em 1964, o Programa Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação e Cultura, que contou com a presença do professor Paulo Freire. Grande parte



desses programas estava funcionando no âmbito do Estado ou sob seu patrocínio. (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 113).

A partir do golpe de 1964, a educação brasileira mudaria drasticamente. Todos esses programas que tiveram algum êxito no pré-golpe foram cancelados. As pessoas envolvidas foram perseguidas, não havia mais espaço para os movimentos democráticos que tentavam fazer da Educação de Adultos uma política pública para desenvolver uma educação emancipatória, em que os sujeitos poderiam ter consciência crítica de seus direitos e deveres como cidadãos, havendo um sentido mais real, isto é, mais próximo da realidade do alunado com práticas que pudessem ser significativas no processo de ensino-aprendizagem.

A alfabetização de adultos e jovens viria a perder muito com o golpe, pois “[...] a ruptura política ocorrida com o movimento de 64 tentou acabar com as práticas educativas que auxiliavam na explicitação dos interesses populares”. (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 113). Com o golpe, a educação também sofreu com o autoritarismo porque “[...] o Estado exercia sua função de coerção, com fins de garantir a ‘normalização’ das relações sociais”. (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 113).

Assis (2012) aponta que a educação durante a ditadura civil-militar teve forte influência do positivismo e da corrente pedagógica tecnicista, ou seja, a educação passou a ser mecânica, pois era visada, preferencialmente, à qualificação com vistas ao mercado de trabalho. Conforme Freire (2020), a educação brasileira era bancária, isto é, o conhecimento era depositado nas crianças, jovens e adultos, sem haver um processo de ensino-aprendizagem, ou ainda, sem a interação entre educador-educando, a dialogicidade entre docente e discente, fundamentais para que os alunos construíssem novos conhecimentos.

Desta forma, a educação durante a ação militar não foi inclusiva e, sim, excludente. A Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), foi criada também para substituir a Campanha Nacional de Alfabetização (CNA) e a Comissão de Cultura Popular (CCP), que era presidida pelo educador Paulo Freire, extintos após o golpe.

O Mobral foi a tentativa do governo militar de amenizar o problema do analfabetismo, conforme Tabela 1, porém de modo técnico, exercendo práticas

pedagógicas com ênfase no ensino instrucional por meio da experiência de funcionários que antecederam o golpe. Consoante os autores, o Mobral “passou a se configurar como um programa que, por um lado, atendesse aos objetivos de dar uma resposta aos marginalizados do sistema escolar e, por outro, atendesse aos objetivos políticos dos governos militares”. (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 114).

Tabela 1 - Taxa de analfabetismo no Brasil, 15 anos ou mais

Décadas	Taxa
1940	56,1
1950	50,6
1960	39,7
1970	33,7

Fonte: IBGE (2000)

Percebe-se, com os dados do IBGE (2000), principalmente nas décadas que sucederam a era Vargas e a ditadura civil-militar, a diminuição da taxa de analfabetismo, havendo uma queda acentuada nas décadas de 1960 e 1970, que foram as tentativas do governo militar de diminuir o analfabetismo com o Mobral.

Outro ponto importante em relação à população analfabeta era que ela não tinha o direito de votar, pois fora proibido para os analfabetos pela lei Saraiva, de 1882. O analfabeto teve direito ao voto logo após a Emenda Constitucional de 1985, ou seja, por mais de um século o analfabeto não exerceu o direito de votar. Desta forma, com a taxa de analfabetismo em alta, era interessante do ponto de vista dos militares, que Paulo Freire fizesse sua revolução de alfabetização de adultos com o seu método supostamente “comunista”?

A proposta da alfabetização de adultos e jovens de Freire vai além do ato de ler e escrever. O adulto tem que ter consciência dos seus direitos e deveres, isto é, uma proposta revolucionária, em que os jovens e adultos seriam questionadores e críticos da ordem vigente. Ou seja, uma população

alfabetizada por meio do método do educador seria capaz de pensar e dialogar o desenvolvimento de uma democracia no país, pois, a partir de uma educação libertadora e conscientizadora, a sociedade estaria menos propensa a apoiar governos autoritários.

Conforme Souza (2019), no aspecto sociológico, dos movimentos instáveis que o país teve, há uma elite que não se importa com o desenvolvimento do país, isto é, uma elite reacionária que dá mais importância para o lucro que terá – uma elite que esteve presente nos principais acontecimentos da vida política e que escolheu o lado que poderia se beneficiar mais, sem dar muita importância à população periférica.

Houve uma mudança ideológica para com a educação, visto que Freire estava preocupado com uma educação libertadora ou emancipatória, uma educação que visava à consciência crítica dos jovens e adultos, através da leitura de mundo, no qual o cidadão poderia despertar a sua criticidade para com a vida e a sociedade em que reside.

É evidente a preocupação dos militares com esta ideologia, pois eles eram os dominadores. Daí a propaganda de uma suposta revolução comunista, disfarçada de inimigo interno, que justificou suas ações antidemocráticas. A educação do governo militar, por motivos óbvios, não seria de transformação social e, sim, predominantemente uma educação de transmissão de conteúdo, uma escola tradicional e conservadora permeada pelos valores do positivismo francês.

A ditadura civil-militar suprimiu aqueles valores defendidos por Freire, eliminando os sonhos de uma educação que poderia trazer a mudança de que o país precisava, já que a educação é um instrumento de uma mudança social, para que os oprimidos possam ter consciência da opressão que decorre do opressor. As práticas do educador seriam emancipatórias e, por isso, foi decretada a sua perseguição.

### **Paulo Freire: as práticas e a perseguição**

Freire iniciou sua jornada na educação formal em meados de 1947, fazendo parte da Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria de Pernambuco (SESI-PE). Nesse momento, Freire não se preocupava apenas

com o conteúdo que o docente ministrava. Ele também dedicava a atenção em como a transmissão de conhecimento era realizada, isto é, o processo de construção do diálogo entre educador-educando. Percebe-se que “esse aspecto da sua atuação no SESI nos indica que se tratava de um espaço que proporcionou a Freire começar a colocar em prática sua concepção de educação” (ARAÚJO, 2020, p. 123).

No ciclo inicial, Freire viajou por muitas regiões no Brasil e conheceu pessoas importantes que fizeram parte da sua inspiração e influência para ser educador. Com isso “[...] Freire conheceu Ariano Suassuna, diretor do Teatro do SESI, com quem desenvolveu experiências sobre meios de interação entre palco e plateia.” (ARAÚJO, 2020, p. 123). Freire também conheceu pessoalmente Anísio Teixeira, a quem reconhecia como um dos maiores intelectuais da educação.

Levando em consideração a taxa de analfabetismo que chegava a quase 50% (IBGE, 2000), a educação de adultos era uma das principais demandas sociais. Com isso, houve muitos grupos de educadores que se mobilizaram para levar uma prática distinta da educação primária. No período pré-golpe, havia políticos engajados com a causa da alfabetização de adultos e jovens, tanto que Freire foi convidado para trabalhar no governo de Pernambuco. Porém, foi na experiência empírica do Rio Grande do Norte (RN), em Angicos, que Freire teve reconhecimento nacional, visto que o presidente Goulart ficou interessado pelo seu trabalho e o “método” de alfabetização de jovens e adultos.

Como se dava o método de Paulo Freire? O âmago era o diálogo, pois se acreditava que, por meio da dialogicidade, o indivíduo poderia alcançar alguma consciência de si para si. Havia círculos de cultura, que se davam para os participantes dialogarem sobre seus conhecimentos prévios em relação à vida, ao trabalho, à cultura e a outros aspectos sociais. No processo da dialogicidade, eram elaboradas algumas palavras geradoras que poderiam trazer aprendizagens significativas ao participante da discussão. Freire aponta o porquê do diálogo ser importante em uma educação transformadora:

O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. [...] Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a

um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco torna-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2020, p. 109).

Por meio do círculo de cultura, Freire poderia conhecer mais os jovens e adultos para encontrar as palavras geradoras, isto é, o que faz parte da realidade do indivíduo, das questões sobre trabalho, educação, cultura etc. O educador criou um método que funcionou muito bem para a alfabetização de adultos, pois essa experiência no RN foi conhecida como as 40 horas, em Angicos. Em 1963, Freire, junto com outros educadores, alfabetizou cerca de 400 pessoas em 40 horas.

O método partia de palavras selecionadas a partir de questões existenciais dos alunos, fazendo com que se alfabetizassem dialogando sobre as suas condições de vida como trabalho, saúde, educação, lazer e outros. Unia, portanto, educação com cultura, ao tomar as experiências do alunado e seus conhecimentos como parte integrante do ato de educar. (HADDAD, 2019b, p. 142).

As práticas e a teoria do educador incomodaram os militares no início dos anos de 1960 porque o pensamento do educador é permeado e inspirado pelos valores e princípios marxistas, visando à formação de um cidadão integral e o desenvolvimento da consciência para que o sujeito possa transcender à emancipação. Todavia, para que isso acontecesse, a sociedade brasileira teria que ter tido um pacto com a democracia, pois a emancipação não se daria sob um governo autoritário, ou seja, em uma sociedade autoritária não há dialogicidade.

Sobre a função social da educação, ou o propósito dela na sociedade, Adorno (2020) é essencial. O filósofo alemão assinala que a educação deve lutar contra a barbárie, isto é, após os fatos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial, era preciso agir para que os acontecimentos de Auschwitz não se repetissem. Adorno (2020) expressa que a educação tem que servir para a emancipação do indivíduo, para que haja questionamento, diálogo e reflexão sobre os atos que poderiam levar à barbárie novamente. O filósofo ainda salienta que “[...] a exigência de emancipação parece ser evidente numa democracia”. (ADORNO, 2020, p. 185).

Para compreender a perseguição de Freire durante o início da década de 1960, Haddad (2019b) exprime em detalhes as perseguições que foram

feitas ao educador, com a justificativa de que Freire era comunista, doutrinador e de que sua teoria visava a uma lavagem cerebral marxista.

Acusado de comunista nos 1960, Paulo preparava um programa nacional de alfabetização a ser implantado pelo governo de João Goulart, quando foi preso e exilado pelos militares protagonistas do golpe de 1964. O programa nasceria como decorrência da experiência realizada no ano anterior pelo governo do Rio Grande do Norte, na cidade de Angicos, mas também contribuiria para formar cidadãos mais conscientes dos seus direitos e dispostos a participar democraticamente para defendê-los. (HADDAD, 2019b, p. 142).

Durante esse processo histórico de guerra ideológica das Forças Armadas contra o comunismo, parece-nos que quem perdeu mais foi o Brasil. O pensamento de Freire (2020) tem como uma de suas bases o marxismo e ele produz uma pedagogia voltada sobretudo aqueles que vivem à margem da sociedade.

Os oprimidos, contudo, acomodados e adaptados, “imersos” na própria engrenagem da estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la. E a temem, também, na medida em que lutar por ela significa uma ameaça, não só aos que a usam para oprimir, como seus “proprietários” exclusivos, mas aos companheiros oprimidos, que se assustam com maiores repressões. (FREIRE, 2020, p. 47).

O diálogo é a síntese daquilo que veio a ser a concepção de educação de Freire, que ficou marcada em seu livro “Pedagogia do oprimido”, de 1968. A dialogicidade para a construção de uma consciência crítica traz o envolvimento dos oprimidos para uma educação emancipatória. Dito isto, o pensamento de educador pernambucano, com o passar do tempo, tornou-se clássico e mundialmente reconhecido.

### **Freire é um clássico**

Os textos do educador Paulo Freire são um clássico, isto é, um dos autores na área de Ciências Humanas mais lidos no mundo. Muitas pessoas se inspiram em seu pensamento para continuar lutando e acreditando em uma educação pública de qualidade. A sua concepção de educação prevalece como sendo a fonte de esperança, isto é, acreditar e mudar as coisas que impedem o oprimido de buscar a conscientização para sua emancipação. É preciso manter a esperança e continuar trabalhando em benefício dos oprimidos. Freire (2016) ressalta a esperança como imprescindível para sua teoria crítica:

Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico. Não quero dizer, porém, que, porque esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da esperança crítica, como o peixe necessita da água despoluída. (FREIRE, 2016, págs. 14-15).

O educador é um clássico porque a leitura de seus livros faz com que suas palavras toquem a psique humana. Freire com sua *práxis* nos causa inquietação, para buscarmos a mudança que desejamos em defesa de uma educação de qualidade. Paulo Freire (2020) demonstra seu conceito de ser humano, isto é, um sujeito ontológico, que é curioso e buscador. Por consequência, em sua escrita, ele transmite essa curiosidade ao leitor. A docilidade das suas palavras e, ao mesmo tempo, a criticidade e a sofisticação da sua concepção de educação nos levam à consciência crítica, à inspiração e ao encantamento de sua *práxis*.

Sua obra desafia nossas crenças para irmos além de nós mesmos, como, por exemplo, o desafio do diálogo com uma pessoa diferente, ou que pensa de forma reacionária e preconceituosa. A dialogicidade não é algo amoroso e carinhoso, o diálogo trará conflito e o desafio é como lidar com esse atrito. A leitura de um clássico faz refletirmos sobre tudo isto que nos torna seres humanos: as emoções e os sentimentos. Ou seja, o clássico narra sobre nós mesmos, sobretudo nossas fragilidades, anseios e desejos. Calvino (1991) discorre sobre a importância de ler os clássicos:

Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual. [...] Um clássico é uma obra que provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos sobre si, mas continuamente as repele para longe. (CALVINO, 1991, p. 12).

O que caracteriza Freire com sua obra clássica é que “toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira” (CALVINO, 1991, p. 11). Sempre que retomamos a leitura atenta dos seus escritos descobrimos mais novidades, teremos outros sentidos ao reler, ou seja, sua obra traz outras significações para construção de conhecimento.

O clássico também incomoda, por isso Freire foi rejeitado pelo movimento antidemocrático. Segundo Calvino (1991), os clássicos são livros

que conhecemos por ouvir dizer, isto é, mesmo aquele que não leu Freire, já ouviu alguma coisa sobre o educador. Nesse sentido, os detratores de sua obra o atacam sem ao menos experimentar sua leitura, pois é um clássico que tem notoriedade internacional.

Sobre o pensamento clássico de Freire, Cortella (2011) declara que a concepção de educação de Freire já é um pensamento clássico, não porque é antigo e, sim, porque seu pensamento transpassa gerações. O pensamento do educador é muito atual e continua inspirando pessoas que dedicam suas vidas para a defesa de uma educação de qualidade. Cortella (2011) indica que Freire não desejaria ser unanimidade, pois é por meio da crítica e do diálogo que se constroem novos saberes e se possibilita a troca de saberes.

Freire deixou um legado para a educação brasileira, um legado que muitos temem, porque ele mostrou às pessoas oprimidas que elas podem se libertar da opressão, do dominador e do proprietário. É interessante notar que o educador desenvolveu sua teoria, justamente, quando o próprio Estado brasileiro era autoritário.

### **Considerações finais**

O debate sobre o método de Freire estava servindo como um pano de fundo sobre o problema educacional e social do analfabetismo e pela questão do direito ao voto dos analfabetos. Sendo assim, do ponto de vista dos conservadores, realmente era mais fácil impulsionar uma propaganda comunista, pois muitos historiadores discordam que havia um avanço do comunismo no Brasil a ponto de haver uma revolução.

A justificativa do comunismo serviu como uma cortina de fumaça aos conservadores e militares para desviar o foco do problema central da educação da época. Desse modo, não seria interessante para a elite que os pobres fossem alfabetizados, tendo consciência crítica para questionar as injustiças da época, como a reforma agrária, que até os dias atuais, não aconteceu.

Paulo Freire foi rejeitado e perseguido por conta do momento histórico em que viveu e a sua concepção de educação foi associada ao marxismo como forma de boicote ao seu trabalho. Freire já representava, na época, um perigo comunista. Com isso, as forças conservadoras não queriam que



houvesse mudanças na educação de adultos, com a proposta “doutrinária” de Freire.

Por isso, o educador continua sendo perseguido por movimentos antidemocráticos mais recentes. O presente está cheio de passado. Para apreender o fenômeno da rejeição e perseguição ao educador, foi preciso retornar ao passado e vislumbrar os acontecimentos históricos que antecederam o golpe de 1964.

O educador é muito lido porque ainda oferece mecanismos para pensarmos o Brasil e o mundo, a relação de opressor-oprimido parece que está cada vez mais presente em nossos tempos. Ao pensar que, no início dos anos 1960, o ato de ler e escrever era considerado um ato de guerra ou rebeldia comunista, percebemos o conservadorismo da sociedade brasileira e seu caráter reacionário no que tange aos direitos sociais e de cidadania.

Freire continua presente, mostrando que sua teoria é cada vez mais necessária para compreendermos questões do analfabetismo de jovens e adultos, um problema social ainda não resolvido. Também é uma teoria sofisticada, que abrange muitos temas para refletirmos sobre a engrenagem da relação opressor-oprimido no Brasil e no mundo.

## Referências

ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

ARAÚJO, Taís. Educação como prática da democracia: Paulo Freire antes do Golpe civil-militar de 1964 no Brasil. **Revista del IICE**, Buenos Aires , 48, p.121-135, jul.-dez. 2020.

ASSIS, Renata. A educação brasileira durante o período militar: a escolarização dos 7 aos 14 anos. **Revista Educação em Perspectiva**. Goiás, v. 3, n. 2, p. 320-339, jul./dez. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 4.024/61, de 20 de dezembro de 1961**. Brasília: Ministério da Educação, 1961. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 8 nov. 2022.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População nos Censos Demográficos, segundo as Grandes Regiões, as Unidades da Federação e a situação do domicílio - 1960/2010**. Brasília: IBGE, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=8>. Acesso em: 6 nov. 2022.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Características gerais da população**. Brasília: IBGE, 2000. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/83/cd\\_2000\\_caracteristicas\\_populacao\\_amostra.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/83/cd_2000_caracteristicas_populacao_amostra.pdf). Acesso em: 8 nov. 2022.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Tradução: Nilson Moulin. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CORTELLA, Mário. Paulo Freire: um pensamento clássico e atual. **Revista E-Curriculum**, São Paulo, v. 7, n.3, dez. 2011.

FAUSTO, Boris. Olhando para dentro 1930-1964. *IN*: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org). **A vida política**. São Paulo: Objetiva, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 74. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

GIL, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HADDAD, Sérgio. **O educador**: um perfil de Paulo Freire. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2019a.

HADDAD, Sérgio. **Educação contra a barbárie**: Por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. Paulo Freire, o educador proibido de educar. Fernando Cássio (Org.). 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019b.

HADDAD, Sérgio. DI PIERRO, Maria. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 108-130, 2000.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MARTINS FILHO, João Roberto. Os Estados Unidos, a Revolução Cubana e a contra-insurreição. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, p. 67-82, 12 jun., 1999.

SCHWARCZ, Lilia. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão a Bolsonaro. 1. ed. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.